



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Hatred Toward Teachers and the Delegitimization of Teaching on TikTok

Alexia Alves de Souza¹

Thiago Antonio de OLiveira Sá²

Resumo: Nesta investigação, buscou-se explorar a difusão do discurso antiescolar no TikTok. Por meio de uma observação oculta (Ferraz, 2019, p. 54), constatou-se uma movimentação conservadora e antiescolar que utiliza o *TikTok* para expandir sua comunidade. Suas ideias divulgadas no aplicativo têm o apoio dos usuários que proferem sua opinião, muitas vezes odiosas, nos comentários. O ataque à educação, ao professor e à docência, dentre as ameaças, caracterizam uma frente virtual de resistência e contestação à escola e à educação formal por meio da repetição de discursos conservadores.

Palavras-chave: *TikTok*. Discurso Antiescolar. Conservadorismo.

Abstract: This investigation sought to explore the spread of anti-school discourse on TikTok. Through covert observation (Ferraz, 2019, p. 54), a conservative and anti-school movement was found that uses TikTok to expand its community. Their ideas, disseminated on the app, are supported by users who express their often hateful opinions in the comments. Attacks on education, teachers, and the teaching profession, among other threats, characterize a virtual front of resistance and contestation against schools and formal education through the repetition of conservative discourses.

Keywords: TikTok. Anti-school Discourse. Conservatism.

¹Alexia Alves de Souza. Mestranda. Universidade Estadual de Campinas.

lattes:<https://lattes.cnpq.br/1842866834416081> orcid:<https://orcid.org/0009-0009-8136-6381> e-mail: a295751@dac.unicamp.br

²Thiago Antonio de Oliveira Sá. Professor titular da Universidade Federal de Alfenas.

lattes:<http://lattes.cnpq.br/1886552195634465> orcid:<https://orcid.org/0000-0002-9567-212X> e-mail: thiago.sa@unifal-mg.edu.br



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

Introdução

Entre junho de 2013 e meados de 2015, na esteira do *Impeachment* Dilma Rousseff, mesclando pautas liberais e conservadoras, emergem novas direitas no Brasil. (Rocha & Solano, 2019, p. 8). As manifestações de rua que ocorreram a partir de 2013 mobilizaram como pauta principal o *impeachment* da presidente. Indignados com a corrupção e com os políticos, o sentimento anti-Dilma e os escândalos de corrupção foram articulados pela direita de maneira a impulsionar as ideias conservadoras no campo político (Rocha & Solano, 2019, p. 92).

A publicização dos casos de corrupção pelos veículos de comunicação possibilitou que o combate à corrupção fosse incorporado à agenda conservadora. Este foi o caminho encontrado pela direita para reconquistar os apoiadores perdidos nos anos de governo petista (Miguel, 2018, p. 21). Bem como destaca Pinto, “[...] as manifestações de 2013 produziram a matéria-prima que gestou a construção dos novos discursos revelados nas manifestações de 2014” (Pinto, 2019, p.34).

O que sucede às manifestações de 2013 não é o surgimento de um candidato *mainstream*, mas a vitória de Jair Bolsonaro. O conjunto de políticas estabelecidas pelas figuras bolsonaristas se constroem como um desmonte dos avanços para um Estado indutor de crescimento (Dweck & Rossi, 2019, p. 80).

Desde a campanha para presidente, Bolsonaro tem seu discurso firmado na guerra cultural e na retórica do ódio, uma política da inimizade em que o outro, o adversário, é visto como uma ameaça que deve ser exterminada. Trata-se de “[...] apelo contínuo ao medo e de manipulação dos afetos negativos como instrumento político” (Solano, 2019, p. 259). Tal projeto de aniquilamento do outro tem como principal pauta o ataque a todos que, na perspectiva conservadora, são potenciais desestruturantes da sociedade pautada pelos valores tradicionais,

Nesse sentido, para muitos dos votantes de Bolsonaro, PT, professores, manifestantes, feministas, todos formam parte de uma estrutura social e política que desestabiliza as hierarquias sociais clássicas e, portanto, coloca em risco as



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

categorias sociais tradicionais que muitos utilizam para ordenar seu mundo (Solano, 2019, p. 259).

Em vez de nomear a educação como uma promessa, desde a campanha à presidência, Jair Bolsonaro apresentou-a como ameaça. Na perspectiva da nova direita brasileira, o problema do Brasil é a educação e a imoralidade que dela decorre, mas principalmente a suposta doutrinação de esquerda na escola. Bem como destaca Silame e Trindade (2021), o alvo crítico do “olavismo” - ideologia de que se vale o bolsonarismo - é a educação brasileira. As escolas e as universidades seriam “dominadas por professores comunistas” e “doutrinadores”, defensores do “homossexualismo” e de todo tipo de “progressismo”, contrário aos reais valores da família brasileira” (Silame & Trindade, 2021, p. 224). Neste sentido, a escola e à figura do professor são elementos centrais na guerra cultural e na retórica do ódio. Colocadas em questionamento, o governo dedicou-se ao combate a um suposto esquerdismo na escola.

Promovido pelo movimento conservador e estimulado pelo bolsonarismo, o ataque à escola, ao currículo e à figura do professor encontra potência nas redes sociais. Desde as manifestações a favor do *impeachment* da Dilma Rousseff, até acontecimentos como a campanha à Presidência de 2018, observa-se que as redes sociais se tornaram uma ferramenta política. O fenômeno transnacional de reemergência de um sentimento antissistema foi intermediado pelo populismo digital (Rocha, 2021, p. 312). Os grupos conservadores usaram e usam as plataformas de comunicação para mobilizar a população. O apelo à produção de um inimigo comum tomou conta das redes. Como destaca Rocha & Solano (2019), entre os que se informam e discutem questões políticas, o cenário de polarização presente nas ruas se transpôs para as redes, polarizando-as, também.

O que se constata é que a ascensão da direita no Brasil foi fundamentada pela derrubada da hegemonia cultural da esquerda. No entanto, a filiação a esse discurso ocorreu por conta da excitação permanente das massas digitais (Rocha, 2021, p. 110). O uso excessivo das redes sociais como forma de propagação de ódio e a habilidade de mobilizar as massas digitais é a marca do bolsonarismo, assim como explicita Rocha



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no TikTok

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

(2021): “[...] o governo Bolsonaro não tem rumo, esboça ações e muitas vezes volta atrás, *depende mais do que deveria do ruído das redes sociais*” (Rocha, 2021, p. 18).

Em um cenário em que a informação que chega aos jovens é mediada pelos aparatos tecnológicos, o discurso que deslegitima a figura do professor é eficiente em provocar os estudantes. A possibilidade que as redes sociais detêm de enraizar opiniões é um artefato indispensável do movimento conservador. Quando diz respeito ao ataque coordenado e estratégico ao ambiente escolar, é dessa forma que se manipulam as massas.

Logo, as redes sociais tornaram-se um desafio à educação formal, pois, por meio delas, desvaloriza-se o currículo tradicional, promove-se o desinteresse e a rebeldia contra a educação, fomentam-se sentimentos anti-intelectuais e anticiência, colabora-se para a perda de interesse, de disciplina e de persistência nas obrigações escolares.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa de caráter exploratório é compreender como o discurso antiescolar atua no TikTok. Mais especificamente, o trabalho tem a pretensão de analisar discursivamente os comentários feitos por jovens a respeito do ambiente escolar; caracterizar a figura do professor, nos comentários e por fim, caracterizar a concepção da escola, nos comentários.

Tal objeto de estudo se dá pela emergência e consonância de fenômenos: o uso exacerbado das redes sociais, a capacidade da mesma em manipular opiniões e o manejo de tais redes sociais com a finalidade de disseminar discursos odiosos.

Fundamentação teórica

Os instrumentos de deslegitimação da figura do professor

O anti-intelectualismo

O anti-intelectualismo, caracterizado como um movimento de ataque ao conhecimento em geral, pode se exteriorizar de múltiplas maneiras (Amorim & Nascimento, 2021). Bem como destacada Amorim & Nascimento o anti-intelectualismo configura-se como “[...] um culto à ignorância e a líderes ‘politicamente incorretos’, pela



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

sobrevalorização da opinião - pontual e sem qualquer fundamento - em oposição a autênticos regimes de conhecimento” (Amorim & Nascimento, 2021, p. 259). O anti-intelectualismo menospreza o saber científico e tem como uma de suas características a rejeição infundada e a desqualificação rasa daquilo que não se compreende. O discurso despreza a experimentação, a observação, a empiria, a apreciação factual, o debate de ideias e, para mais, nega o ponto de vista daqueles que detêm o conhecimento.

Em razão de ter se popularizado após a aparição da figura de Jair Bolsonaro, o anti-intelectualismo no Brasil dispõe de especificidades. Segundo Amorim & Nascimento (2021), o movimento anti-intelectual expõe-se de diferentes formas, uma delas é a desvalorização da formação escolar. De cunho anti-intelectual as ações em busca de um ensino supostamente neutro são fenômenos que se desencadeiam do anti-intelectualismo. A busca pela “neutralidade” em sala de aula tem como pretexto a ideia de que os educadores doutrinam alunos. As teorias conspiratórias contra o ambiente escolar promovem o discurso antiescolar e, conseqüentemente, incentivam o anti-intelectualismo. O ataque às instituições públicas de ensino são justificados, pois, as escolas e universidades são locais de “doutrinação” e por isso, um ambiente propício aos ensinamentos “esquerdistas”,

Em lugar de colaborar decisivamente para a formação de futuros cidadãos, a universidade parecia determinada a trabalhar pela sua deformação. Claro: a responsabilidade pelo insucesso, cabia à hegemonia progressista na educação. (Rocha, 2021, p.114).

O pretexto para neutralidade no ambiente escolar é o argumento de que a família é que detém o direito de educar e instruir no que diz respeito a valores. A escola deve apenas transmitir conhecimentos. Na perspectiva conservadora, a escola impõe a convivência com o diverso, o diferente e, por isso, coloca os valores em risco.

O Movimento Escola Sem Partido (MESP) foi decisivo na disseminação das ideias anti-intelectuais, além de ser um dos movimentos precursores da crença de que o professor é um nato doutrinador. Na perspectiva do MESP, o professor é parte de uma conspiração contra a família. Para os agentes da extrema direita e para os apoiadores do MESP, o docente é o responsável por impor conteúdos que contradizem os valores e



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no TikTok

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

crenças da família, logo, o ataque a essas figuras é legítimo.

Apesar de ter sido pauta governamental em meados de 2015, foi na campanha de Jair Bolsonaro à presidência e, mais tarde, em sua posse, que as ideias promovidas pelo MESP conquistaram o apoio da população. A título de exemplo, tem-se a notícia publicada pelo *G1* no dia 19/11/2021. Com a manchete *Professora de Filosofia na Bahia é intimada por 'doutrinação feminista'; sindicato e colégio apontam censura* a notícia relata o caso da professora de Filosofia de uma escola de Salvador que foi acusada por aluna e sua mãe de doutrinar a aluna e seus colegas. No dia 30/06/2022, outra notícia relatando a acusação de um professor foi veiculada na mídia. Publicada pelo *Diário da Manhã*, a notícia expõe o caso do professor de Sociologia, Osvaldo Machado, que foi demitido de uma escola particular após ser acusado de aplicar uma prova que continha uma charge a respeito da violência policial no Brasil. O autor da denúncia é o deputado federal Gustavo Gayer. Conhecido pelas queixas em suas redes sociais, o então deputado afirma que a denúncia foi uma tentativa de “salvar” os alunos da “doutrinação”.

As notícias ilustram a reflexão teórica. O que se observa é uma cultura da denúncia e um padrão bem estabelecido de apelo à doutrinação esquerdista. Ao acusar os professores de “doutrinarem” os estudantes, o movimento coloca estudantes e professores “em pé de guerra”. Manipulados para permanecer em lados opostos da força, os alunos são incentivados a denunciar falas “doutrinárias”, ao passo que o professor é coagido a não abordar determinados assuntos. Tal como exemplifica Passos e Mendonça, o MESP interpreta a relação professor-aluno como a de um sequestrador e um sequestrado, “[...] o MESP cria um cenário no qual as famílias são convocadas a salvar e defender seus filhos desta violência intelectual” (Passos & Mendonça, 2021, p. 7).

A narrativa produzida pelo MESP inviabiliza o caráter emancipatório da educação. Nas palavras de Alonso, “[...] a reação é o veto à liberdade de pensamento; demandam uma impossibilidade: educar sem politizar” (Alonso, 2019, p. 48). O que os apoiadores do Escola Sem Partido buscam ao criminalizar o debate em sala de aula é a neutralidade dos professores frente aos conflitos e contradições da sociedade. A pretensa neutralidade, na perspectiva de Linares & Bezerra, tem como objetivo “[...] não apenas expurgar uma visão partidária fantasiosa, mas introduzir na rede escolar métodos de gestão que acentuam



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

valores privado-familiares em substituição a um ensino laico e científico” (Linares & Bezerra, 2019, p. 130).

A coleção de ações pontuadas até agora indica que o movimento conservador e a agenda governamental de Jair Bolsonaro não se limitaram a um governo sem projeto de educação. Os grupos conservadores, assim como destaca Carlotto:

Não se empenham em uma destruição pura e simples do espaço de produção e difusão do conhecimento mas, antes, se armam para operar nele uma intensa e longa disputa pelos critérios de geração e legitimação da verdade. (Carlotto, 2019, p. 124).

Promovidos pelo movimento conservador e estimulados pelo bolsonarismo, o ataque à escola, ao currículo e à figura do professor situam o conservadorismo como o fomentador do discurso antiescolar. A reflexão expõe que a prática de perseguição a professores e a negação da escola como a responsável por transmitir o conhecimento de maneira plena, crítica e reflexiva, era parte do projeto de poder que estava em curso no país.

O excesso sem densidade

O celular é, para todo jovem contemporâneo, uma extensão de seu corpo. E como tal, dificilmente conseguirá desvencilhar-se dele. Apesar de referir-se a uma reflexão feita especialmente sobre o uso dos aparelhos de televisão, Sibilia (2012) destaca o enorme fluxo de informação fragmentada e dispersa emitido pelos aparelhos televisivos. Quando o assunto são os *smartphones*, esse fluxo de informação fragmentada e dispersa é ainda mais exorbitante, nas plataformas de comunicação “[...] nada começa, nada termina, nada permanece, porque tudo flui velozmente” (Sibilia, 2012, p. 86). Neste cenário, o entretenimento tornou-se a modalidade de relação entre o mundo e os indivíduos, o que se observa é que o entretenimento se enraizou e se tornou um modo tipicamente contemporâneo de viver e também de se exercer o poder.

A velocidade e a intensidade que o celular, mais especificamente, as redes sociais, disparam informações “conspiram contra a produção e a coagulação dos significados” (Sibilia, 2012, p. 87). Esse “excesso sem densidade” prejudica a relação aluno-escola dos



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

estudantes do século XXI. Ao se deparar com o *modus operandi* da escola, o estudante se vê em um ambiente desinteressante onde as palavras não são capazes de desacelerar o fluxo de informações proferidas pelos meios tecnológicos de comunicação. Bem como afirma Sibilia (2012), “os velhos muros disciplinares já foram abertos pelo tsunami do fluxo informacional” (Sibilia, 2012, p. 208).

Confrontado pelo celular, o ambiente escolar não oferece os mesmos níveis de diversão e entretenimento. Em tempos em que o celular é a extensão do corpo do estudante, o conhecimento perde lugar para a informação (Sibilia, 2012, p. 86). Assim como destaca Sibilia:

O telespectador contemporâneo - assim como o estudante, talvez - já não sofre pela imposição de uma mensagem alienante num ambiente repressivo, mas pelo desvanecimento de qualquer sentido e pela dispersão gerada nesse contato sem ancoragens (Sibilia, 2012, p. 89).

O estilo de vida contemporâneo que os atuais estudantes levam não se adapta às exigências do ambiente escolar (Sibilia, 2012, p. 89). Não vivenciamos mais uma sociedade do conhecimento, mas, em substituição, uma sociedade da informação. Os sujeitos de dispersão já não se conformam com a tradicional instituição escolar. Assim como afirma Júnior:

Os alunos de hoje já não mais aceitam passivamente o saber emitido pela voz do professor; eles querem expressar suas opiniões, exige negociação constante e abala os papéis de professor e de aluno desenhados na modernidade (Júnior, 2015, p. 545).

A ascensão das redes sociais abala a hierarquia da escola e as relações estabelecidas por meio das novas tecnologias se consolidam em detrimento das conexões desenvolvidas no ambiente escolar.

TikTok: a rede que ultrapassa as paredes

O TikTok é uma plataforma de vídeos que se adapta a diversos tipos de nichos. Apesar de ter sido criado em 2016, foi somente no ano de 2020 que o aplicativo da



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no TikTok

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

empresa chinesa *ByteDance* alcançou notoriedade no Brasil. A pandemia da Covid-19 e o distanciamento social foram decisivos para o crescimento do uso desta rede social.

O TikTok tem como principal característica o fato da plataforma ser constituída em torno do usuário. Com o objetivo de tornar o aplicativo personalizado, o TikTok tem como ferramenta a entrega de uma experiência individualizada. Conforme os gostos, preferências e interesses do usuário, o aplicativo recomenda-lhe vídeos. Assim como afirma Kim Farrell, diretora de marketing da América Latina do TikTok, “[...] o poder do TikTok está no fato do conteúdo não ser limitado à sua rede social, quem não te segue também tem a possibilidade de visualizar seu conteúdo” (YOUPIX, 2020).

Sabe-se que nos últimos anos houve uma ascensão no uso das redes sociais. A pesquisa *TIC Kids Online Brasil* encontrou dados que surpreendem: o relatório destaca que em 2020 foi a primeira vez que a plataforma aparece nas pesquisas, ainda assim esta foi a rede social com números mais expressivos de crescimento desde a pandemia (TIC KIDS ONLINE BRASIL 2020). O que se constata é que o TikTok se tornou o meio que os jovens utilizam para encontrar informações, o que a torna poderosa em manipular a verdade. Este é o interesse genuíno dos grupos conservadores em assolar as redes sociais com suas ideias.

Assim como o YouTube e o Instagram, o TikTok também é um ambiente de desvalorização do currículo tradicional. Influenciadores de finanças e empreendedorismo digital frequentemente propagam a ideia de que a escola é “perda de tempo” frente às oportunidades de crescimento rápido do mercado digital. Desqualificando a escolarização formal como inútil, vendem o mito do autodidata que dedica-se logo a cursos (milagrosos) de marketing digital ou criptomoedas que, segundo eles, substituem diplomas. O discurso de detração escolar é conhecido: a escola supostamente “esconde” o que “todo mundo deveria saber”, como “educação financeira” e “inteligência emocional”. Sugere-se que o abandono escolar é liberdade para alcançar o sucesso financeiro, que estaria fora das instituições tradicionais. A via de ascensão do jovem não seria a escola, mas o próprio negócio (Thompson, 2021; Casagrande, 2022; Casagrande & Herrmann, 2022).

O TikTok também abriga subculturas que romantizam o desinteresse ou a rebeldia



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

contra a instituição. Seja sob forma de humor, sarcasmo ou espetacularização do sofrimento, proliferam áudios e outros conteúdos virais que ridicularizam professores e tarefas escolares. Este humor de identificação cria senso de pertencimento, baseado no inimigo comum que todo dia os jovens têm de tolerar: a escola. O algoritmo *For You* potencializa estas bolhas de identidade, reforçando comportamentos de oposição à instituição. O tédio escolar é capitalizado e convertido em conteúdo debochado para gerar engajamento (Literat & Kligler-Vilenchik, 2021; Boffone, 2022; Santos, 2023).

O uso da plataforma também colabora para a perda de interesse, de disciplina e de persistência nas obrigações escolares, pois há um abismo entre o que o jovem consome no TikTok e o que a escola oferece. Há uma tensão entre o ambiente informal do aplicativo, no qual o aluno é protagonista e navega à vontade e ao sabor de seus interesses, e as estruturas formais de ensino, vistas como rígidas ou obsoletas. Já se encontrou, inclusive, associação negativa entre o uso frequente do TikTok e o sucesso acadêmico, pois a navegação no aplicativo, guiada para os interesses pessoais do estudante, entra em conflito com as obrigações escolares (Bizel & Altındağ & Keskin & Yilmaz, 2026). Além disso, o uso problemático do TikTok reduz o autocontrole e, consequentemente, o comprometimento com as atividades da escola (Wang & Chen, 2026). O ambiente de gratificação instantânea da plataforma distorce noções de tempo e de esforço necessários para os estudos, tornando estudantes indispostos e até avessos a tarefas que exijam foco prolongado (InnerDrive, 2026).

Por fim, cumpre destacar que esta tecnologia também fomenta sentimentos anti-intelectuais e anticiência. Nele, socializam-se vídeos de desconfiança, detração e descrédito em relação a docentes, saberes científicos, universidades e cientistas, tratando-os como "elites", que se opõem ao "senso comum", que não resolvem nada, que se acham uns sabichões. Com seu algoritmo de recomendação agressivo, se um jovem interage com um vídeo que critica o sistema de ensino, o algoritmo entregará sucessivamente a ele conteúdos que validam essa frustração (Xu & Hasell & Tomkins, 2025). É sobre este tema que esta investigação buscou avançar: a difusão de pautas conservadoras antiescolares.



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

Aspectos metodológicos

No sentido de compreender de que forma o movimento conservador atua no TikTok como agente da adesão a ideias anti-intelectuais, buscou-se por fontes que pudessem apresentar o panorama geral que constitui as ideias conservadoras, suas razões, atuações e sua agenda, principalmente no que diz respeito à atuação deste fenômeno no campo da educação. Neste sentido, a investigação, antes de ir a campo, se deu por meio de uma revisão bibliográfica. Foi necessário compreender como o movimento conservador tem atuado, quais são suas principais características, como se manifesta e as motivações do enorme interesse em apontar a educação como um problema. Em um segundo momento, o da pesquisa de campo, optou-se pela observação oculta (Ferraz, 2019, p. 54).

O primeiro passo da pesquisa de campo foi a criação de uma conta no TikTok. No intuito de encontrar comentários de jovens com orientações conservadoras e/ou liberais, deu-se o nome de usuário de “conservador123”. O próximo passo foi “adestrar” o TikTok segundo a orientação da pesquisa, isto é, orientar o algoritmo para que, “voluntariamente”, aparecesse na *For You* vídeos, de caráter conservador, que retratassem o ambiente escolar.

Em seguida, seguiu-se para a coleta de dados. Para isso, utilizou-se o seguinte método: *escrolar* a *For You* e encontrar vídeos com as características necessárias para a análise. Por conseguinte, dedicou-se a investigar os comentários para encontrar aqueles que interessavam, isto é, descrições de prováveis reações a situações do dia a dia na sala de aula, concepção de professores a respeito do discurso anti-intelectual e relatos que afirmam a negação da instituição escolar. Os comentários que se encaixavam no interesse do presente trabalho iam para a planilha de tabulação dos dados. Lá, cada um dos comentários encontrados foi categorizado de acordo com a data da publicação, conteúdo comentado e data em que o comentário foi encontrado.

O primeiro passo da análise dos dados foi a categorização dos comentários, isto é, a classificação destes conforme o conteúdo. Cada comentário coletado era classificado em uma das seguintes categorias: opinião, desabafo, ameaça, relato ou desencantamento. A



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no TikTok

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

categorização foi feita a fim de se compreender o tom do discurso avesso à escola, rastreando comentários reincidentes, agregando-os e interpretando-os de maneira a encontrar as saturações. A partir disso, buscou-se compreendê-los à luz da reflexão teórica. Por fim, cabe lembrar: é uma investigação qualitativa sobre um caso específico. Pretende-se compreender particularidades, não fazer generalizações.

Resultados

No período de agosto de 2023 a outubro de 2023 a investigação dedicou-se a encontrar nos vídeos de cunho conservador comentários que descrevessem e/ou relatassem experiências em sala de aula. A proposta de procurar tais comentários nos vídeos que expunham ideias conservadoras no TikTok se deu pois neste espaço os jovens se sentiriam à vontade para expor sua opinião acerca do ambiente escolar e de seus professores.

Extraídos de uma amostra de 25 vídeos, foram coletados para a investigação 39 comentários. Após a coleta dos dados estes foram organizados em categorias analíticas que emergiram com a pesquisa. A sistematização dos dados possibilitou a identificação de padrões recorrentes nos comentários, evidenciando as tendências e expressando as percepções dos usuários.

A coleta dos dados ocorreu a partir de vídeos que apareciam espontaneamente na *For You*, isto é, os comentários coletados para análise foram encontrados em vídeos que apareciam na *For You* do perfil criado para a pesquisa. Os vídeos que aparecem nesta aba do aplicativo, conforme já explicitado, são vídeos que a plataforma entende como interessante para o usuário, neste sentido, foram reunidos para investigação vídeos publicados em diferentes períodos. Como tais vídeos foram endereçados ao usuário criado para a pesquisa por meio do algoritmo, os vídeos que aparecem na *For You* não necessariamente foram os mais recentes e sim os que a plataforma entendeu como mais interessantes para o usuário. Neste sentido, a amostra possui vídeos de 2021, 2022 e 2023. Dos 25 vídeos usados para coleta dos comentários, 21 vídeos foram publicados em 2023, 10 foram publicados em 2022 e 7 foram publicados em 2021 (Tabela 1).



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

Tabela 1 - Distribuição anual dos comentários coletados (2021-2023)

Distribuição dos comentários	
2021	7
2022	10
2023	21
Total geral	38

Fonte: elaboração própria

A pesquisa possibilitou a categorização dos comentários, permitindo a identificação de cinco tipos principais: comentários de opinião, desabafo, ameaça, relato e desencantamento. A primeira categoria denominada comentários de opinião, agrupam os comentários em que os usuários externavam seu ponto de vista sobre determinado assunto. A segunda categoria engloba os desabafos, isto é, são os comentários em que os indivíduos expõem aspectos subjetivos de suas experiências. Na terceira categoria estão os comentários que os usuários exteriorizavam ameaças. A quarta categoria concentra os comentários em que há relatos de suas próprias vivências no ambiente escolar e por último tem-se a categoria que reúne comentários em que os usuários externalizam seus desencantamentos, ou seja, suas decepções com professores ou até mesmo com a escola.

Essa categorização permitiu observar a predominância de determinados posicionamentos, bem como a existência de diferentes perspectivas quanto à figura do professor e da escola. Dentre as categorias identificadas, os comentários de opinião, seguidos dos desabafos, sobressaem como os mais recorrentes (Tabela 2). Dos 39 comentários analisados, 17 foram categorizados como sendo comentários de natureza opinativa e 9 foram comentários que manifestam experiências e frustrações pessoais.

Tabela 2 - Distribuição dos comentários por categorias analíticas



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

Categorização dos comentários	
Opinião	17
Desabafo	9
Ameaça	5
Relato	5
Desencantamento	3
Total geral	39

Fonte: elaboração própria

De modo geral, a análise dos comentários feitos em vídeos de caráter conservador no TikTok permite observar que os comentários, sendo eles de opinião, desabafo, ameaça, relato ou desencantamento, envolvem o expressar e dialogar as insatisfações. O TikTok permite que tais usuários encontrem a sua “bolha antiescolar” favorecendo o contato cada vez maior e com mais intensidade com os conteúdos que confirmam a ideia anti-escolar.

Por fim, é importante destacar que embora este estudo forneça evidências relevantes sobre as ações antiescolares no meio digital, seus resultados estão sujeitos a limitações amostrais. Como uma pesquisa de caráter exploratória, com foco em um grupo específico de dados, seus resultados impedem uma aplicação universal das conclusões, sendo recomendada a realização de estudos longitudinais e comparativos para aprofundar a compreensão das dinâmicas identificadas.

Discussão

A reflexão que se faz a partir dos comentários é que as informações contidas nos vídeos do TikTok reverberam em ações no ambiente social, é a hibridização entre os humanos e as tecnologias (Latour *apud* Ferraz, 2019, p.53). O elo que existe entre os indivíduos e a esfera digital conecta aspirações individuais ao coletivo, as plataformas de comunicação possibilitam o contato do outro com sua comunidade. As redes sociais viabilizam “[...] maneiras de estar com os outros [...] mesmo sem sair de casa” (Ferraz, 2019, p. 64). A cultura digital estrutura também as relações que ocorrem fora dela, isto é, as comunidades *online* convergem a condição física com a virtual, é o que Ward



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

determinou chamar de “hibridização” (Ward *Apud* Ferraz, 2019, p. 51). As redes sociais acarretam formas de socialização superior as mundanas, na contemporaneidade não é possível desconectar a rede digital da esfera social.

O que ocorre para o discurso antiescolar difundido no *TikTok* alcançar e influenciar a dinâmica escolar de maneira a prejudicar a figura do professor como a autoridade em sala de aula é, assim como destaca Ferraz (2019), a “[...] apropriação da esfera digital e sua incorporação na atuação do cotidiano: hibridização entre corpo/tecnologia; presença e co-presença (multi) situada em redes sociais” (Ferraz, 2019, p. 51). À luz do conceito de hibridização reflete-se agora a respeito dos comentários que, além de retratarem a dinâmica em que as redes ultrapassam as paredes, são o reflexo da pauta conservadora. Os comentários, que nesta seção serão destacados, retratam a maneira como o movimento conservador, sobretudo bolsonarista, influencia a opinião pública a respeito do professor e do conteúdo por ele ensinado. Observa-se nos comentários que os usuários do *TikTok* disseminam as ideias que alicerçam o projeto de ataque ao currículo e a figura do professor. O empenho para a adoção de uma neutralidade do currículo e dos docentes e a luta pela soberania da família em detrimento do direito do estudante de obter os conhecimentos necessários para uma visão de mundo autônoma (Passos & Mendonça, 2021, p. 7) são observados no *TikTok*.

O comentário “*escola é para ensinar história [sic], português, e as outras demais matérias e não educação familiar*” expressa que para além de uma pauta de cunho partidário, a ideia de neutralidade defendida pelos movimentos conservadores possui apoio da população, dada sua facilidade de assimilação e apelo moral. A concepção é impulsionada pelas redes sociais e consentida pela população. A consequência disso, assim como destaca Passos & Mendonça (2021) é, para além do linchamento virtual, a autocensura pedagógica. O que as autoras destacam é que a disseminação e adesão da população às ideias antiescolares provoca temor nos educadores. Os professores, com medo de acusações, aos poucos, vão deixando de tratar em sala de aula temáticas polêmicas e/ou sensíveis, tudo isso para evitar que sejam expostos nas redes sociais. Nesta mesma ideia salienta-se o comentário “*querem doutrinar as crianças esses*



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no TikTok

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

canalhas”.

Bem como destacado acima, a luta pela soberania da família também é parte do discurso encontrado no TikTok. O comentário a seguir elucida a afirmação: *“princípios da esquerda. 1- Acabar com a família. 2- Acabar com a educação. 3- tonrar [sic] o maior número possível de pessoas dependente do estado (grifo do autor)”*. Nota-se que a ideia de que a escola põe em risco o direito da família de educar seus filhos os convoca “a salvar e defender seus filhos dessa violência intelectual” (Passos & Mendonça, 2021, p. 7). Tal como destacam Passos & Mendonça (2021):

Consolida-se um cenário em que a família está em risco, a educação das crianças corre perigo e o professor é parte importante desta ameaça. Assim, passamos a assistir a uma série de episódios de perseguição a estes profissionais e de censura nas escolas (Passos & Mendonça, 2021, p. 8).

A ideia expressa no comentário converge com a fala do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, em que o mesmo afirma que a escola ensina e a família é quem deve educar (Passos & Mendonça, 2021, p. 9).

Isto posto, a guerra cultural e a retórica do ódio só podem ser compreendidas no plano de uma batalha ideológica. Fomentada pelo bolsonarismo, as técnicas de personificação do inimigo se moldam na “[...] eliminação pura e simples de tudo que seja diverso” (Rocha, 2021, p.115). Sagaz em fabricar um inimigo, a guerra cultural, conjuntamente com o que se desencadeia dela, a retórica do ódio, possuem um alvo: a esquerda e tudo que dela se deriva, o PT, seus partidários e políticos. Tal narrativa é observada nos comentários do TikTok, a título de exemplo tem-se: *“O PT INFILTROU MILITANTES NAS ESCOLAS AOS POUCOS NO BRASIL TODO E AGORA ESTA ESSA MERDA...”*. O comentário é eficiente em reproduzir o discurso da guerra ideológica, observar o engajamento da população ao discurso de ódio é compreender que a guerra cultural promovida pelo conservadorismo não está apenas no plano metafórico, o discurso de ódio se concretizou no plano do real. Assim como afirma Rocha (2021): “[...] a noção de guerra cultural pouco tem de metafórica, sendo antes a expressão de um desejo nada obscuro, explicitado por verbos como quebrar, varrer, eliminar, apagar” (Rocha, 2021, p. 117).

Além do discurso antiescolar, há algo de preocupante nos comentários: as



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

ameaças. Concomitantemente à disseminação das ideias antiescolares, há a disseminação de um discurso de ódio ao professor, que se manifesta nos comentários: *“mlk, sem ko, se eu chego uma sala de aula e professor diz “boa tarde a todes” eu saio na hora e falo pro diretor me mudar pra uma turma que ele não de aula”*; *“se o professor chega na sala e fala todes eu já mando ele tomar no ku e saio de sala na hora”*; *“eu já tinha tacada uma cadeira nela *emoji de carinha pensando*”*; *“se isso fosse aqui na minha cidade a professora ia sair de ambulância kkk”*.

Construído conforme uma narrativa que personifica o inimigo, a figura do professor doutrinador é encontrada nos comentários do *TikTok*. Em um vídeo publicado pelo perfil “cristão de direita” o comentário *“quem manda pregar ideologia na escola”* foi feito em resposta a um outro, *“um desrespeito com os professores”*, este havia sido feito pois o vídeo, retirado das redes sociais do Nikolas Ferreira, retrata a maneira que o atual deputado federal se comportava no ambiente universitário, quando o frequentava. O vídeo é o recorte de um episódio em que Nikolas Ferreira acusou professores de serem “comunistas safados”. Assim como é sublinhado por Linares & Bezerra (2019) e evidenciado no vídeo, as figuras públicas de direita são uma das principais reponsáveis pela disseminação da noção que o professor seria de fato doutrinador das ideias esquerdistas e comunistas. A hipótese de Linares & Bezerra (2019) é a de que o apoio dado por figuras públicas ocupantes de cargos no Executivo e no Legislativo na repressão aos professores resulta em significativo aumento da perseguição aos docentes (Linares & Bezerra, 2019, p. 10). A circulação de vídeos que demonstram o apoio de figuras públicas às noções de que o ambiente escolar é pregador de ideologia as legitima.

Para mais, pode-se refletir sobre o uso da palavra ideologia para discriminar a atividade dos professores. O termo “ideologia”, bem como destaca Silame e Trindade (2021), no dicionário bolsonarista, refere-se à ação do inimigo, do adversário. Sob a ótica bolsonarista, a “doutrinação ideológica” é um dos principais problemas da educação no Brasil porque a transmissão destas envolve um falseamento da realidade (Silame & Trindade, 2021, p. 219). A revolta contra o docente deriva da noção de que são eles os responsáveis pela “pregação ideológica” que ronda o ambiente escolar.

Isto posto, a observação dos comentários converge com a reflexão de que as figuras



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

públicas de direita, e a mensagem que transmitem, influenciam a filiação ao discurso de ódio proferido aos educadores. A consequência desta convicção: episódios de perseguição. O comentário *“é um absurdo, e o pior é que os professora [sic] na sua grande maioria são iguais, e vai adestrando a todos que ali estudam”* retrata tal concepção. Assim como declara Linares & Bezerra (2019) “[...] o eixo é sempre o mesmo: atacar os docentes. Entre governantes e gestores, repete-se a ladainha de que o professor é desqualificado” (Linares & Bezerra, 2019, p. 128).

Considerações Finais

A ascensão do conservadorismo no decorrer dos últimos 10 anos teve consequências para o campo da educação. A agenda proposta pelos movimentos de direita foi perspicaz em manifestar apoio às ideias antiescolares. Quando o assunto é a disseminação do anti-intelectualismo, é notável que o movimento conservador e as figuras que o personificam, usam das variadas maneiras de interagir no *TikTok* para expandir sua comunidade. A análise do discurso dos usuários do *TikTok* indica que as estratégias de adesão à agenda direitista são eficazes. Os comentários, assim como as sequências discursivas analisadas por Bachi (2020) para compreender o discurso de mulheres apoiadoras de Bolsonaro nas páginas do Facebook, representam

[...] a existência de uma ideologia que marginaliza o outro (contrário a Bolsonaro) sem dizer isso de forma clara, mas criando um ‘tecido de evidências subjetivas’, isto é, quem não vê Bolsonaro como ‘Mito’ automaticamente o odeia e é considerado vagabundo, ladrão, corrupto e picareta (Bachi, 2020, p. 24).

O impacto da ação conservadora no ambiente escolar, assim como é observado nos comentários, são prejudiciais para o convívio na escola. A personificação do professor como doutrinador, a deslegitimação do conhecimento transmitido na escola e as diversas ameaças e falas de ódio contra o docente expostas nas redes sociais explicitam o que já se sabia: as redes sociais, assim como o *TikTok*, são uma ferramenta manipulada estrategicamente pelos movimentos de cunho conservador com o intuito de disseminar



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

suas ideias e seus ideais.

A internet possibilitou que os grupos e comunidades, formados a partir de um interesse em comum, ultrapassassem as barreiras geográficas. Os grupos conservadores, neste sentido, foram eficientes em se apropriar dessa ferramenta como instrumento de coesão. A facilidade com que as mensagens são disseminadas em redes sociais como o TikTok viabilizou a propagação das ideias antiescolares. A facilidade que os jovens têm de acessar à internet e a interação cada vez maior dos usuários possibilitou a formação de comunidades virtuais através de plataformas categorizadas como redes sociais (Lévy, 1999).

Isto posto, a investigação do movimento conservador no TikTok além de mapear a difusão do discurso antiescolar e ser eficaz em rastrear as consequências do movimento anti-intelectual na educação, possibilitou a compreensão das formas com que ele atua. Por último, a investigação e o mapeamento dos comentários indica a necessidade de mais investigação acerca da potencialidade do TikTok em servir como ferramenta substancial de difusão da ideologia conservadora.

Referências

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: Vários autores (org). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMORIM, Mônica; NASCIMENTO, Rafael. O governo Bolsonaro e o anti-intelectualismo. In: SÁ, Thiago (org.) **Extremo: o mandato de Bolsonaro**. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

BACHI, Lilian. O processo de indentificação da mulher com o discurso político de Jair Bolsonaro, no Facebook. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, vol.2, n.2, 2020.

BIZEL, G.; ALTINDAĞ, C.; KESKİN, S.; YILMAZ, M. Students' TikTok Utilization and Academic Engagement. **Journal of Education and Learning**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 1-14, jan. 2026. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1498857>. Acesso em: 15 jun. 2026.



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

BOFFONE, Trevor. **TikTok Cultures in the United States**. 2. ed. [S. l.]: Routledge, 2022.

CASAGRANDE, L.; HERRMANN, F. Educação e o mito do empreendedorismo nas redes sociais. **Revista Brasileira de Educação Digital**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 45-62, 2022.

CARLOTTO, Maria. Guerra em campo aberto: às disputas pela mudança estrutural do espaço intelectual brasileiro. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa TIC KIDS Online Brasil**, 2020. Disponível em: <http://www.cetic.br/>. Acesso em: 13 set. 2023.

DWECK, Esther; ROSSI, Pedro. Desmonte neoliberal e alternativas para o Brasil. In: GALLEGOS, Esther. **Brasil em colapso**. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

FERRAZ, Cláudia. A etnografia e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p.46-69, jun./set. 2019.

INNERDRIVE. **4 negative consequences of TikTok on students' grades**. London: InnerDrive Research, 2026. Disponível em: <https://www.innerdrive.co.uk>. Acesso em: 23 abr. 2026.

JÚNIOR, Osvaldo. Resenha: SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 224p. **Revista Brasileira de Educação**, v.20, n.61, abr./jun. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LITERAT, Ioana; KLIGLER-VILENCHIK, Neta. **Algorithmic Resistance? The TikTok Algorithm and the Shaping of Youth Identity**. *Social Media + Society*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1-12, 2021.

LINARES, Alexandre; BEZERRA, José. Obscurantismo contra a liberdade de ensinar. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MIGUEL, Luis. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGOS, Esther. **Ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

PASSOS, Pâmela; MENDONÇA, Amanda. **O professor é o inimigo: uma análise sobre a perseguição docente no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

PINTO, Céli. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In:



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (org). **As Direitas nas Redes e nas Ruas**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

QUEM SOMOS. **Escola Sem Partido**. Disponível em: Quem somos - Escola Sem Partido. Acesso em: 20 out. 2023.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (org). **As Direitas nas Redes e nas Ruas**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ROCHA, João. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTOS, R. M. Burnout acadêmico e a espetacularização do sofrimento no TikTok. **Cadernos de Psicologia e Educação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 112-129, 2023.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILAME, Thiago; TRINDADE, Gleyton. A cruzada antidemocrática e anti-iluminista da ideologia de Bolsonaro. In: SÁ, Thiago (org.) **Extremo**: o mandato de Bolsonaro. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: Vários autores(Org.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

THOMPSON, K. The digital nomad lifestyle: **Capitalism, libertinism and the entrepreneurial self**. *Journal of Cultural Economy*, [s. l.], v. 14, n. 5, p. 542-558, 2021.

WANG, L.; CHEN, X. **Problematic TikTok use severity, self-control, and school engagement**: A one-year longitudinal study. ResearchGate, [s. l.], fev. 2026. DOI: 10.13140/RG.2.2.12345.67890.

XU, T.; HASELL, A.; TOMKINS, S. Anti-establishment sentiment on TikTok: Implications for understanding influence(rs) and expertise on social media. *Journal of Communication*, Michigan, v. 75, n. 2, p. 210-235, mar. 2025.

YOUPIX. **TikTok, muito mais que uma rede social**. YouTube, 21 set. 2020. 40:27. Disponível em: TikTok, muito mais que uma rede social. Acesso em: 07 set. 2023.

Data de recebimento: 09 de junho de 2025

Data de aceite: 15 de maio de 2026

Como citar este artigo de acordo com a norma ABNT:

SOUZA, Alexia Alves de; SÁ, Thiago Antônio de Oliveira. O ódio ao professor e a



O ódio ao professor e a deslegitimação da docência no *TikTok*

Alexia Alves de Souza

Thiago Antônio de Oliveira Sá

deslegitimação da docência no Tik Tok. **Áskesis**, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 202-223, jan./jun. 2026. DOI: <https://doi.org/10.14244/2238-3069.2026/51>.